



CRÍTICA

LITERÁRIA

"Incomodidade" — Joaquim Namorado

(Atlântida Edit. - Coimbra).

1 Nada mais evidente neste livro de NAMORADO que determinada soma de factores excepcionais (termo bastante empregado à cerca desta obra) que em muito vem contribuir para o colocar em lugar de destaque, sendo certo, porém, que tais factores tanto concorreram para a acceitação da sua arte como para a desvalorização da mesma, uma vez que tal lugar especial pode considerar-se quer de sinal positivo quer de sinal negativo.

2 Primeiro que tudo, o aspecto formal que, a meu ver, não se encontra definido com aquela propriedade que tem toda a arte de Namorado, foi imediatamente tido como um desses factores por certos leitores de ânimo recalcado e de retrogressivos estéticos habilmente escondidos.

Tais indivíduos pretenderam lançar toda a sua bilis corrosiva contra este aspecto da obra, contra esta *novidade* (?) esperando insidiosamente, serem secundados por mais alguns elementos da sua casta ou por quaisquer outros que, embora de modo algum retrógrados pelo menos de estagnação ideológica obstinada, ou ainda por quem quer que surgisse de credo diferente do do poeta em questão.

Tal facto não foi, felizmente, realizado em toda a sua extensão. (Creio até que isso não teria a mais pequena repercussão no autor, como é lógico).

Mas vejamos donde emanavam tais tendências subversivas:

Quando disse atrás que o aspecto formal dos poemas de INCOMODIDADE não atingira aquela propriedade da poesia de Namorado, não quis, é claro, afirmar que ele fosse por mim considerado como um dos aspectos excepcionais a que me referi. Não. Para isso ele teria que ser ou eminentemente belo ou miseravelmente amórfico. Esta característica foi por outros considerada assim, que não por mim nem grande parte dos seus leitores e críticos (felizmente); a esses indivíduos retrógrados é que tal aspecto tomou, portanto, tão grande papel tendente a menosprezar o valor intrínseco do livro.

No entanto, não posso deixar de reconhecer que, quanto a este aspecto, o autor não conseguiu aquela nitidez inconfundível, aquêle cunho pessoal que revelam os outros elementos da sua poesia.

Há de facto certa falta de ritmo em grande número das composições de

«Incomodidade» como se me depararam poemas de puro tom declamatório. E também outros como, p. ex., essa admirável «*Ilha dos Navios Perdidos*» ou «*Caim*», rescendentes a uma musicalidade tradicionalmente presenciada onde o ritmo se quebra a espaços para dar lugar a sentenças certeiras e de um sarcasmo brutal.

À primeira vista, poder-se-ia considerar isto como o esforço do poeta em demanda duma nova tendência formal, facto que, restrictamente se vai verificando nas primeira e segunda partes do livro em que o autor domina certa aritmia característica de «Viagem ao país dos nefelibatas», não pode contudo constituir regra.

Por outro lado, esta influência modernista não poderia deixar de se verificar, considerado que seja o papel valoroso, tanto de transição como reformador, que teve tal poesia. Nota-se até frequentemente o influxo profundo e reduzidíssimo, mas existente, no que respeita ao processo temático de um pequeno número dos seus poemas.

Creio que o facto de ter sido Torga o poeta que mais se distingue na obra de Namorado, também merece ser considerado e estudado, compreensível até, por ser Torga não um presenciista puro mas um poeta de transição, um ponto crítico da evolução da poesia portuguesa. Todo o seu dramatismo místico não se concentra numa luta essencialmente sua, mas tem uma projecção bastante apreciável contra as instituições do momento; e se formos um pouco mais longe veremos um ligeiro esboço, nos seus últimos poemas, contra a organização social que, corporativando o homem, o traz preso a grilhêtas.

Ainda que em Namorado êsse aspecto seja de ordem secundária, como já frisei, êle soube ir mais longe. Para êle no que refere à essência mística o elemento religioso não é um pano de fundo mas um dos muitos cenários do palco em que os homens se agitam; por meio dos axiomas religiosos, o poeta alcança os axiomas sociais, através dos paradoxos místicos, debruça-se sobre os contra-sensos do ambiente. (Vejam-se, p. ex., poemas como «*Bula*», «*Milagre*» e «*Bárbaro*»).

Em última análise, pode dizer-se além do exposto, que, enquanto Torga fala contra um deus na condição de torturado. Namorado fala de um deus como individuo liberto já de tais torturas, num plano superior.

Particularmente por isso, o lugar secundário que tal assunto ocupa na sua obra.

Por isso, também, o tom sarcástico e por vezes despresante que põe em algumas das suas poesias e, consequentemente, certo laconismo humorista que vem, não em prejuízo total da forma, mas como um auxílio razoável do sentido.

Tinha os olhos tortos como um sofisma

Morreu engasgada com dois raciocínios seguidos.

(«Viagem ao País dos Nefelibatas»)

Mas voltemos à questão que encetáramos:

Poderemos, por conseguinte, considerar êsse estilo semi-perplexo como sendo o de Namorado? Ou será que o poeta apresenta ainda um estilo em evolução?

De modo algum. Não nos parece que Joaquim Namorado se apresente absolutamente isento de defeitos e estas observações que surgiram agora não se podem considerar como tal.

É que o processo formal utilizado em «Incomodidade» é um meio de que o autor se serviu para conseguir uma certa objectividade que, doutro modo, creio não ser impossível, mas de difficilima realização.

E isto não poderá entender-se por incapacidade do autor no que se refere a uma utilização das normas líricas de tradição. No heróico «*Aviso à Na-*

vegação» atinge Namorado uma perfeição formal enorme (para as ultrapassadas concepções poéticas) trabalhada nos processos estéticos da arte presentista e acrescentada pelo cunho sacudido do autor; o mesmo para «*Manifesto à Tripulação*» em que a música não é tão forte mas onde a forma ganha pelo que representa numa tentativa, no geral bem sucedida, que não se resume num amontoado de influências, mas numa renovação de moldes modernistas para uma poesia nova. (Isto referindo-se apenas àquele género de composições características de «*Aviso à Navegação*» e «*Invenção do Poeta*»).

Veja-se, para exemplo, o poema «*Ilha dos Navios Perdidos*»: o poeta encaminha-nos com uma eufonia verbal admirável dentro de um ritmo firme. De súbito, parou e despede uma frase descontrolada cheia de sarcasmo, de raiva e de desprezo, que mais aumenta o patético do momento:

*Não há grandesa que baste
quando a desgraça é tamanha !...*

(«*Aviso à Navegação*»)

Assim, na fase de libertação das formas tradicionais, tem Namorado um estilo próprio que pode ter perdido algo de musicalidade em sacrificio da intenção, estilo que predomina no seu livro sem ter conseguido contudo aquele nível que a personalidade fortíssima do autor requiere.

Mas, no restante do livro é que o autor se apresenta cheio de novidade sendo certo que, a despeito da aфонia, por vezes, dos seus poemas. Aqui, estamos em face de um processo em que a forma colabora admiravelmente com a intenção, no sentido de a completar e de a colorir:

*Se ando bem, Deus o quer;
se mal, o Diabo foi isso...*

(«*Viagem ao País dos Nefelibatas*»)

Formalmente, esta foi uma das novidades da sua poesia. No entanto tais leitores retrógrados devido ao seu conservadorismo burguês, acharam-na de tal modo ousada (o que é um facto) que a repudiarão. A isto chamaram *excepção*. A isto chamo também *excepção*, ainda que os nossos modos de considerar esta excepção, pôsto que não sendo antípodas da escala, têm pelo menos sinal contrário.

A êsses senhores, como a outra gente, passou decerto despercebido aquêlle pequeno conceito em que Hegel afirma terem de ser reais a lógica e a razão, integrando-se na sua época. E isso é, como se reconhece, fundamental para a compreensão da arte humanista de Namorado, entre outros.

E daí o não compreenderem a razão construtiva de poemas, como o que transcrevo parcialmente a seguir, em que a preocupação por se tornarem directos e por certa acessibilidade, não vem em abono da forma (nem algumas vezes, do sentido) e tal como vários outros, p. ex., «*Três Poemas de Heroísmo*», obrigando-a a ressentir-se de um prosaísmo que se nos depara excessivamente oratório, de a todo o custo querer tornar-se fôrça: (Veja-se p. ex. «*O Segador*» em que tal intuito se realizou cabalmente).

*Bandeira
Quem no campo da luta
a tem erguida?
Quem a levanta altiva
é a sustenta ainda
quando tudo em seu redor tombou?
.....
— Quem morreu por ela.*

(«*Agoras*»)

Por outro lado, o sintetismo e o desequilíbrio a que fiz menção atrás, consegue — repito-o — dar mais vida à poesia, tornando-a cruelmente humorística e implacável, sublinhando melhor a mensagem admirável do poeta. Chegámos, pois, ao verdadeiro objectivo do autor e nisso ele é verdadeiramente grande: a realização estética da sua mensagem.

Os seus versos trazem o sabor duma vida bem real, que é a de todos nós. É virado pró mundo e pró mundo que ele canta. E o seu cântico é viril e comove; tecido numa lógica admirável, não vive contudo alheado à inspiração nem nos deixa a impressão de que esta cedesse ao raciocínio. Muito pelo contrário, concluiremos o que é de todo o ponto evidente, encontrar-se antes uma aliança entre a razão e o entusiasmo poético, que um domínio ou contraposição de qualquer destes valores.

E os *poetas que vieram farejando delírios* e os tais leitores que nem faro nem imaginação possuem para delirar, não poderão apreciar a verdadeira música de Namorado; chamarão anedota a uma composição como esta:

*Oh, a minha musa está impossível,
Só molhos franceses,
vou a um restaurante barato
comer arroz e grão
— chicha!*

(«Viagem ao País dos Nefelibatas»)

e divertimento a estoutra:

*Humilde
é a erva dos caminhos
Todos a pisam.*

(«Viagem ao País dos Nefelibatas»)

Mas, quando afirmei que «Incomodidade» obedecia a uma lógica pré ou insensivelmente (o que não me parece muito viável) — estabelecida, não tencionei referir-se apenas à substância dos poemas mas, inclusivamente, ao próprio esqueleto do livro.

Assim, na primeira parte, «Invenção do Poeta», o poeta vive angustiado por um mundo em ruínas. Toma conhecimento desse ambiente e vira-se para si à procura duma finalidade concreta do seu drama e também daquela humanidade, que ele pretende, depois, indicar como rumo. Mas a sua poesia não fica resumida no lamento dum homem mergulhado numa vida impossível, as suas lágrimas não são particularmente suas, e a resolução para que se encaminha não é a expressão duma tendência pessoal, mas antes a solução das contradições (que ele aponta na pessoa dos semelhantes) duma sociedade ilógica.

Dêste modo, quando se lamenta, a sua voz ecôa por entre os irmãos, acordando-os do torpor da desgraça:

*De que me serve conhecer o amargo dos venenos
Se eles são o pão da minha bôca!...*

A vida que está diante si incute-lhe um desespero frenético, que não consegue assenhorar-se da razão nem dominar um profundo conhecimento quasi matemático do valor, uma razão fria que destrói a dúvida e preside à sua arte. E como tal, os seus lamentos adquirem proporções de ameaça e a sua poesia vem tocada duma virilidade rara:

*E a minha terra é fecunda:
searas novas nascem em mim, raízes fundas.*

O caminho duma vida mais bela fôra, pois, apontado e o poeta exalta os homens a lançarem os alicerces duma nova sociedade dispendendo todo o suor das glândulas, em vistas a um único fim, incitando-os a preferir o caminho árduo da *incomodidade* ao piso fácil dos *boulevards iluminados* ou o conforto dos decks dos navios das companhias.

Logo de entrada em «*Navegação à Vela*» o poeta aponta êsse caminho e indica a sua posição. Depois, surge-nos essa maravilhosa água-forte duma musicalidade beethoviana, *Ilha dos Navios Perdidos*, que é uma análise clara a um mundo de que a tempestade se apossara.

Neste, como na quasi totalidade dos poemas de «*Incomodidade*», revela-se um conhecimento profundissimo do meio social e não apenas uma inconformidade pela vida que lhe fôra imposta sem conhecimento dos meios solucionadores da libertação.

Por isso conclui: *Não há grandeza que baste quando a desgraça é tamanha*, cõscio de que tal solução não poderá vir da grandeza apregoadá com o agitar de estandartes imperiais nem na recordação dos *sonhos mais colossais*.

«*Aviso à Navegação*» é um dos mais belos poemas de que se pode orgulhar a nossa literatura, desde a concepção à realização, verdadeiramente admirável. *Manifesto à tripulação* pode considerar-se das composições mais representativas desta parte: apontam-se motivos, indicam-se o caminho da redenção, e os espinhos do empreendimento, e aqui o autor não consegue vencer o citado tom declamatório, o fundo lírico que imprimira nas poesias indicadas não acusa aqui aquela melodia que seria para desejar.

Em «*Guerra e Paz*» assiste-se ao despontar do novo estilo de Namorado dos poemas de «*Viagem ao País dos Nefelibatas*», o autor vai-se assenhoreando da sua ideia e dominando situações. Depois, o panorama do ambiente depravado que fizera antes, transforma-se num outro que não vem tocado daquela angústia, mas que é uma chamada a essa multidão heterogênea para os seus problemas vitais. E isto tanto surge em composições caracterizadas por um simbolismo irónico (o que sucede, p. ex., em «*Charneca*»), como naquelas em que a toada humorista cede a uma melancolia e a uma piedade que arrebatá — leia-se como exemplo «*Pequenos Pedintes*».

E, por fim, o poeta conta aos seus companheiros da vida de agora e do futuro:

*Ó mocidade, vai para os estádios,
vai para as oficinas cantando!
.....
À conquista do teu destino
parte cantando!*

Passamos, finalmente, àquella fase em que a poesia se apresenta nitidamente desprezadora de tudo o que fôra prè-estabelecido sem razão utilitária ou de costumes anti-progressistas. Aqui, o profeta dum mundo em que o humano viverá em utilização máxima do progresso (*Fábrica*), dá como conhecidos os focos deturpadores dessa sociedade futura redimida pelo esforço do homem, e o seu humor impiedoso acusa uma invulgar penetração desdenhosa pelos princípios utópicos:

*Onde o Santo punha o pé nasciam rosas
... e o povo lamentava
que não fizesse o mesmo com batatas.*

(«*Viagem ao País dos Nefelibatas*»)

Depois do sintetismo mordaz dos poemas de «*Viagem ao País dos Nefelibatas*» — aponto como padrão *Aventura nos Mares do Sul* — nota-se um regressismo às formas das duas primeiras partes em *Agora*, última parte do

livro em que não se oculta a ironia desses quadros reais duma paisagem e sobriedade admiráveis:

*Neste charco sem fundo
do mundo
a vida apodrece*

— ou dos apelos categóricos para os problemas de todos os tempos que viveram desprezados até aqui.

Fazer da *vida coisa sua* eis o que urge compreender: construí-la com as próprias mãos e não com fantasias, debaixo duma razão inexorável, longe da superintendência das divindades que alguns espíritos não consideram mitológicas, ainda.

Demonstrada a lógica estrutural de «Incomodidade» e a força evidente da sua mensagem, creio que isto virá em vantagem sobre alguns — ainda que poucos — defeitos formais de que a obra enferma.

Porém os tais leitores de ânimo sempre feito e disfarçado que pretenderam negar o valor estético das poesias de Namorado creio que poderiam, se fôsem capazes disso, encontrar música e da mais melódica em poemas como os que trouxe a exemplo; mas essa não é verdadeiramente a música de um autor cuja lira tem cordas de aço, tocadas por mãos sujas de terra, numa viela escura. — Admirável melopeia que estes senhores não podem compreender, uma vez que ela vem muito ao contrário dos seus gostos pessoais: tocada numa viela escura, um cenário algo de diferente das canónicas e sempre aceites regiões do Olimpo.

E a despeito das imperfeições apontadas — deminutas, como se vê, repito-o, considerando o esforço que pretendeu dar à sua arte, rumo a um novo processo conjugador das realidades com o próprio objectivismo das mesmas — os versos bruscos e mordazes de Namorado alcançaram já aquela realização que muitos apodavam de impossível.

«Incomodidade» ficará, portanto, senão como uma das grandes obras da nossa literatura, pelo menos como um marco na evolução das nossas letras; um dos livros mais fortes que se têm publicado entre nós.

3 Resta-me fazer referência à magnífica apresentação do livro que mais uma bela capa de Palla veio enriquecer e ao seu preço relativamente barato.

Por último: que os tais senhores levem a mal tudo isto, poderei muito bem admitir, mas só depois de lerem algumas vezes (até julgarem ter percebido) aquela citação de Namorado, extraída de Pessoa:

«Pertencço a um género de portugueses
que depois de estar a India descoberta
ficaram sem trabalho».

Porque, então, se eles não forem dos que ajudaram as caravelas do Gama na sua tormentosa viagem, nem dos que interessaram alguma vez com tão importante empreendimento, acho mesmo um pouco justo que os versos de Namorado sejam lacónicos e disparatados, mesmo quando se diga uma coisa mais ou menos assim:

*Mereceu a sua sorte
não me peçam para chorá-lo,
é culpada a inocência
em lutas que são de morte.*

JOSÉ CARDOSO PIRES